

CRIAÇÃO LITERÁRIA

O homem se traduz no ritmo, cifra de sua temporalidade; o ritmo, por sua vez, se declara na imagem; e a imagem volta ao homem mal os lábios de alguém repetem o poema.

Octavio Paz

FRED SOUZA CASTRO*

SÉPALAS I

[illegible]

ao sol dão-se pétalas

entretecida no ápice

(Em Flora faz-se o fausto dos afagos)

(*) Nasceu em S. Gonçalo dos Campos (BA), reside, já há algum tempo, em Salvador. Tem exercido atividades em televisão, rádio, jornal e cinema. Possui trabalhos literários publicados – *Samba de roda*, *Meu sal e meus espelhos* (poesias) *Conto para Griselda*. Tem colaborado em revistas nacionais e estrangeiras. É o responsável, no Jornal A TARDE, pela coluna LIVROS.

SÉPALAS II

Sépalas soldam-se no ápice

entre si

pétalas ao sol dão-se no cálice

entreteci

do ápice sépalas

soldam-se

no cálice pétalas

ao sol dão-se

(O afago enflora o fausto)

SÉPALAS III

Ao sol dão-se

pétalas

no ápice

soldam-se

sépalas

no cálice

Entreteci

no ápice

pétalas

entre si

no cálice

sépalas

(Afago Flora)

OUTRAN BORGES*

A "SÍNDROME"

A já habitual preocupação evidenciava-se naquele rosto esquelético, apesar da aparente passividade. O filho, memória real, projeção material de si, estava quase a morrer. E o fato é que não havia um jeito a dar. A morte, com "cara de fome", rondava-o silenciosa e agourenta.

– Desnutrição! vaticinou alguém.

– Desidratação! diagnosticou outro.

E o couro, indiferente, avizinhou-se ao osso, evidenciando o anatômico arcabouço. E era ali mesmo, no meio da rua. A nua e crua calçada, bastante aquecida pelos raios de um sol de quase meio-dia. Patética, como a face dos protagonistas.

E as pessoas passavam. Algumas olhavam discretamente e seguiam caminho. Outras, com a mais absoluta indiferença, sequer apercebiam-se do grotesco da cena, demonstrando que, em verdade, todos estão muito absorvidos com os afazeres do dia-a-dia, e que tais ocorrências compõem apenas uma paisagem do cotidiano.

Eis que, de repente, contrariando alguns desses princípios civilizados, um pequeno grupo de pessoas iniciou uma manifestação de protesto, questionando o descaso das autoridades para com os seres humanos carentes.

Foi então que alguns indivíduos reuniram-se num palanque improvisado, com uma sofisticada aparelhagem de som, e em eloqüentes manifestações de oratória, defendiam-se e acusavam outros grupos. Estes, ora acusados, também formaram um aglomerado e, respaldados em esdrúxulas teses sociais e complicadas doutrinas econômicas, também isentavam-se da responsabilidade. O que fazia com que os primeiros retomassem a discussão, para logo em seguida serem interrompidos pelos segundos...

E as pessoas continuavam passando. Brancos, negros, azuis, vermelhos, amarelos, numa verdadeira policromia giratória, um redemoinho louco em cujo núcleo, momentaneamente desaparecido, situava-se uma figura esquelética, inerte, personagem muda da tragicomédia do absurdo. Alguns murmúrios esporádicos, imperceptíveis aos ouvidos já habituados ao barulho da rua, constituíam-se na única prova concreta de que continuava viva. Os olhos opacificados, o olhar sem direção definida, a boca entreaberta, servindo de ocasional abrigo para algumas moscas impertinentes, emprestavam-lhe um aspecto desolador.

(*) Participou de *Sitientibus* 3. Publicou as obras poéticas:

Cabeça de frade e Os Quatro caminhos do vento.

– Impossível! já deveria ter morrido há muito!...

Tal afirmação, que já circulava de boca em boca, preocupou os Poderes Constituídos.

Como providência inicial, foram organizadas comissões de planejamento, movimentando recursos devidamente aprovados pela Câmara e Senado, e foi criado um Ministério, para coordenar os trabalhos. Foram estabelecidas comissões, subcomissões e delegacias especiais. Um verdadeiro contingente de diretores, secretários, administradores, desencadeando todo um processo burocrático, realmente indispensável. Por fim, convocou-se toda a comunidade científica.

E foi assim que, após exaustivas pesquisas envolvendo os mais afamados sábios da época, depois de terem sido realizados simpósios, congressos, palestras, onde foram consultados os mais diversos tratados, ensaios, oráculos, etc., quando foram utilizados todos os recursos disponíveis da moderna tecnologia, a conclusão foi unânime: o fato em si contrariava tudo. Ia de encontro a todos os princípios biológicos conhecidos. Continuar vivo, sob condições orgânicas tão adversas, constituía-se num verdadeiro desafio para a ciência.

E o pequeno ser, irônico aglomerado de alguns músculos flácidos, ossos descalcificados e vísceras, as ovas já por demais acostumadas a tal "status quo", passou a ocupar as manchetes dos jornais, foi capa de revistas especializadas, várias vezes mostrado nos canais de televisão, incontáveis vezes fotografado, filmado, e exaustivamente debatido nas mais altas esferas dos meios políticos.

Contam que, algum tempo depois, morreu e foi pro céu.

EVANDRO BARRÊTO*

Da Teoria da Mouraria

Ai Mouraria!

Seu sotaque
só os d'Além Mar
reconhecem

Ai Mouraria
seu tempo de mouros
e cristãos
quem sabe, saberia?...

Ai Mouraria
a bailar, a bailar
entre lustres e cristais

a Dança eterna
das palavras, do poema
na arte de viver

por ti

Ai Mouraria

(*) Prof. Titular do Dep. de Letras e Artes. Já publicou vários trabalhos em *Sitientibus*.

NOS CAMINHOS DE CANAÃ

Para Carol, Amelinha, Alfredo, Edilmari

Veja

os peregrinos chegaram
para a contemplação da face

Olha

as crianças, e somente elas,
planejam o amanhã
com a fé dos autênticos demiurgos

Sinta

não há veredas
nos caminhos de Canaã
os sinos cantam, as crianças solfejam,
a sala, entretanto vazia,
re – luz

com a luminosidade invisível

Não há veredas
nos caminhos de Canaã

IDERVAL MIRANDA*

QUARTO DE CASAL

I

é nada o amor e a paixão
sem meu corpo em tua mão.

II

despe, abre, abre
fecha, fecha-me em ti.

III

amemos, minha amiga, amemos
a vontade quer e a cama dispõe.

IV

teus seios,
tuas bocas
sem freios.

V

amiga, não sejas tão orgulhosa.
vem, apressa-te, língua generosa!

(*) Trinta e nove anos de idade. Professor de Língua Portuguesa do Dep. de Letras e Artes. Admirador do poeta Paulo Neville. Autor de: *Taça de tule, Festa e Funeral, O azul e o nada, Como fazer poemas em dez lições, Presságio, Do amor e da loucura e Limite.*

JORGE MAGALHÃES*

VARIAÇÕES ACERCA DAS VARIAÇÕES EM TORNO DO ESTUDO 148 DE
ANTÔNIO BRASILEIRO POR ROBERVAL PEREYR

Onde
a bússola? Que portulano
indigitará em nós
o homem que buscamos?

Que pretérito

insetado no tempo? Onde
o homem que há em nós?

De que metafísica
– enfim, brotamos?

Somos escassilhos

(fssil) entrevisto
além do universo?

Que silêncio?

Que saudade?

(onde) o homem

perdido entre enigmas
no enigma próprio de ser?
Que

(m) somos!?

(*) Tem trabalho publicado em *Sitientibus* 3.

MARÇO

Vinde, o' ventos agônicos!
A mim que busquei-me justo,
que não negociei-me.
Eu múltiplo em eus, em saudades
do homem,

fera insaciável.

Sinto-os,
não vos compreendo.

Sinto-os.

A muralha que se abate sobre mim
não se nomeia.
Todo mal é inominável
os homens são inomináveis

É gélido, solitário e gélido
este dia.

Minha mãe conhece os segredos,
meus

e de outras tardes.

MIGUEL CARNEIRO*

PROPHÉTES

Augusto Asclepfades

É um decano
de jejuns e

penitências
transcendeu

Mora numa casinha

em

Jacuype Riachão
feito um eremita
comendo farinha/mastigando

feijão.

ão ão ão ão ãn ãn ão ã ão

(*) Autodidata. É a primeira vez que publica em *Sitientibus*. Reside em Salvador.

ALMANAQUE DE BRISTOL

para Olney São Paulo na cumeeira do céu

Meus amigos estão escurraçados pelo oco do mundo
Meu pai viajou para as montanhas
Minhas tias se benzem
Minha namorada tricota cordilheiras
Minha amiga cata estrelas no poente
Minha mãe afaga
Meu tio ora
Meu avô geme
do tempo
E meus companheiros enxergam
o Jacuype desbarrar para o Paraguaçu

CREMILDO SOUZA*

DÚVIDAS

não sei se amo ou se fico atônito
ouvindo o sussurro do rio passando.
não sei se ouço ou se ignoro, mudo
o homem de paletó e gravata e o insensível vizinho
vomitando bom dia.
não sei se falo ou calo ou se consinto
que leiam meus poemas indevassáveis em bares noturnos
não sei se permito ou interrompo, farto
esse lento passar das horas, esse lerdo tédio
dos homens.

(*) Nasceu em Feira de Santana (BA), em 1955, onde reside. Participa do grupo Hera, desde 1975. Já publicou *Ária soturna e Fundo de garrata* (poemas com fotografias de A. S. Answear).

PARA ADALGISA

Tua ausência me faz bem,
pois tua sombra caminha, visagem
em todas as curvas do meu sonho.
Estamos juntos do outro lado do muro
e nem nos tocamos; e nem nos tocaremos.
Um abismo de mentiras nos separa
e porque não sou deste tempo de agonias
nos encontraremos à noite num mar,
num vasto mar de ternura.
Tua ausência ainda me faz bem,
pois tua sombra caminha, agora,
pelas intermináveis ruas do adeus
onde ficaremos para sempre juntos.

CARLOS AUGUSTO MELO*

RUA DO FOGO

Havia apenas ilusões

Bueiro...

Careca, tudo bem.

Eram barbeiros

Hoje quem fala

É Joel e Antenor

Seu Matheus!

(Doce saudade!)

Hoje é Barbudos

Pedro Miranda

E Benel – Na verdade,

Rua do Fogo

Lugar comum

Lá não tem cinema

Lá não tem teatro

Lá não tem museu...

Mas,

Tem cantores

Tem atores

Tem pintores

(Não me esqueço de Marcos)

Artistas enfim,

Em

Fim!!

Tem três supermercados

tem um cego que trabalha

E mais de cem desempregados.

Trágico

A rua começa

No Largo São Francisco

– Bom Anúncio

E termina

Na Estrada de Boiada

– Mau Anúncio –

Posto Policial

E ainda mudaram o nome

Tiraram o do Padre

E, colocaram o de um Político

Médico ou General...

(*) Nasceu em Feira de Santana (BA), em 17/08/55, onde reside. Já publicou dois livros de poesia: *Círculo e Rua do Fogo*.

PRESSA

Na minha frente: a pressa
Cada um tentando ser mais veloz

Nas minhas costas: o peso
Preço por parado estar

A rua enche-se aos poucos
E daqui a pouco teremos feirinha

Eu continuo parado
– Sem pressa –
Descobri agora
que a grana acabou,
Como sair-me dessa?

Nas minhas costas: a mesa
E eu lá na frente: com pressa.

RAYMUNDO LUIZ LOPES*

CANÇÃO I

A resposta
não repousa
no fundo
(se dilui na solidão?)

Padecer frente ao espelho.
(Que sonhos apunhalei?)

Branca névoa
redoma do seio materno.
A fuga não me resolve.
O berço me afoga.

(*) Vem publicando trabalhos, nesta revista, desde o primeiro número.

CANÇÃO II

Vá a esperança
e
também
o temor.

Imprecisão sentida
com máscara
e sem acalanto.
A penumbra
é não ver
a chuva derramada.

Não há porto
(nem naufragos, nem fantasmas)
não se chega, nem se vai.
Meu pacto é com o verso
sonho
vácuo
e
espera.